



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **11/08/2018**

Aprovado em: **22/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.28.05>

FORMAÇÃO DOCENTE TECNOLÓGICA: RELAÇÕES COM O SABER CONSTRUÍDAS ENTRE  
PROFESSOR INICIANTE E PROFESSOR EXPERIENTE

EIXO: 28. RELAÇÃO COM O SABER

DANIELI DIAS DA SILVA

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo analisar as possíveis relações com o saber que aparecem durante os processos de formação inicial e continuada e, ainda, como os professores que estão ingressando na docência se constituem educadores diante de professores que exercem a função docente há anos, mas que, ao mesmo tempo, não dominam a área tecnológica. Este trabalho está embasado teoricamente em autores como: Charlot, Nóvoa, Pimenta e Tardif. A metodologia adotada parte de um viés qualitativo, ancorando-se na metodologia de história oral para coleta e análise dos dados. Refletimos sobre a formação docente e identificamos os anseios da formação e atuação dos professores. Porém, ainda temos uma longa trajetória pela frente, pois é preciso compreender os obstáculos da formação docente.

Palavras-chaves: Formação docente. Inclusão digital. Professore iniciante. Professor experiente. História oral.

**Abstract:** This study aims to analyze the possible relationships with the knowledge that appear during the processes of initial and continuing training, and also, as the teachers who are entering the teaching are educators before teachers who have been teaching for years, but which, at the same time, do not dominate the technological area. This work is theoretically based on authors such as: Charlot, Nóvoa, Pimenta and Tardif. The adopted methodology starts from a qualitative bias, anchoring itself in the methodology of oral history for data collection and analysis. We reflect on teacher education and identify the expectations of teacher training and performance. However, we still have a long road ahead, because we must understand the obstacles of teacher training.

Keywords: Teacher training. Digital inclusion. Beginning teacher. Experienced teacher. Oral history.

**Resumen:** El presente estudio tiene como objetivo analizar las posibles relaciones con el saber que aparecen durante los procesos de formación inicial y continuada y, aún, como los profesores que están ingresando en la docencia se constituyen educadores frente a profesores que ejercen la función docente desde hace años, pero que, al mismo tiempo, no dominan el área tecnológica. Este trabajo está basado teóricamente en autores como: Charlot, Nóvoa, Pimenta y Tardif. La metodología adoptada parte de un viés cualitativo, anclándose en la metodología de historia oral para la recolección y análisis de los datos. Reflejos sobre la formación docente e identificamos los anhelos de la formación y actuación de los profesores. Sin embargo, todavía tenemos una larga trayectoria por delante, pues hay que comprender los obstáculos de la formación docente.

Palabras-claves: Formación docente. Inclusión digital. Profesora principiante. Profesor experimentado. Historia oral.

## Introdução

Nos últimos anos questões que englobam a formação de professores tornaram-se temas importantes de discussões e reflexões para o campo educacional, principalmente no que tange ao uso dos recursos tecnológicos. Profundas transformações têm ocorrido na sociedade: mudanças nas esferas da produção econômica, no trabalho e no perfil dos trabalhadores; mudanças tecnológicas, políticas, com rearranjos territoriais; sociais, com a complexidade e diversidade de várias naturezas, processos advindos da globalização.

David Dollar apud Charlot (2013, p. 47) adverte que a “globalização e a crescente integração das economias e das sociedades no mundo, devido aos fluxos maiores de bens, de serviços, de capital, de tecnologia e de ideias”. Esses processos têm tido forte impacto sobre os sistemas educacionais, que precisam estar atentos para responder às novas demandas que lhes são impostas.

A todo o momento mudanças são impostas, e a educação não foge deste foco de alterações. A formação de professores já passou por diversas transformações, contudo é preciso refletir sobre essa temática e reconhecer as dificuldades encontradas na atuação dos professores na constante busca

pelo reconhecimento profissional.

Acreditamos que, ao se deparar com essa realidade, professores iniciantes precisam compreender que a profissão da cátedra vai além dos conhecimentos científicos, pois envolve um saber e um fazer que carece de ser construído a partir de práticas docentes. Em contrapartida, os professores experientes necessitam de formação continuada, em especial voltada para a inclusão digital, pois a sociedade do conhecimento exige constantes atualizações tecnológicas. O uso da tecnologia está cada vez mais presente e esta não pode ser ignorada, seja qual for o ramo do conhecimento, especialmente na formação dos docentes.

Nessa perspectiva, o presente estudo emerge das atividades propostas durante o estágio de docência do Mestrado, no qual observamos a disciplina de Didática I e, posteriormente, ministramos a disciplina de Didática II. Estas disciplinas têm abordado, dentre outras coisas, as atividades de um projeto de extensão na área da inclusão digital de professores da rede municipal da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. Este projeto proporciona que acadêmicos do curso de Licenciatura em Computação, durante as aulas de didática, ministrem aulas para docentes do ensino fundamental da Rede Básica de Ensino.

Um dos quesitos que nos inquietou durante a formação foi a questão geracional, pois professores com uma vasta experiência docente, com idades entre 38 e 70 anos, tendo aulas com jovens professores que ainda estão se constituindo docentes.

De acordo com Prensky (2001, p.1) “nossos alunos mudaram radicalmente. Os [...] de hoje não os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado”. Com essa visão, o autor acaba por denominar os alunos de hoje como “Nativos Digitais” o que, conforme ele, são estudantes que nasceram imersos em tecnologias digitais e, portanto, “[...] são todos ‘falantes nativos’ da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet.” Por outro lado, denomina os professores que, por conseguinte, nasceram antes da expansão tecnológica como “Imigrantes Digitais”. Sendo assim, vários quesitos apresentados, tanto pelos alunos, quanto pelos professores, durante as atividades no curso, no que tange às relações estabelecidas no espaço de formação, nos chamam a atenção.

A prática docente voltada para a utilização das tecnologias da informação e comunicação ainda é uma discussão que merece atenção pois, por mais que as mídias digitais tenham adentrado no espaço educacional, há poucas experiências práticas sendo desenvolvidas no interior da escola.

Com base nisso, o presente trabalho tem por objetivo analisar as possíveis relações com o saber que aparecem durante os processos de formação inicial e continuada e, ainda, como os professores que estão ingressando na docência se constituem educadores diante de professores que exercem a função docente há anos, mas que, ao mesmo tempo, não dominam a área tecnológica. Em contrapartida, como os professores experientes se percebem como alunos diante de professores iniciantes que dominam as tecnologias, porém não dominam a didática. Ou seja, a partir de entrevistas realizadas ancoradas na metodologia de história oral, buscamos compreender como as relações entre professores iniciantes (em formação inicial) e professores experientes (em formação continuada) são construídas no âmbito do Campus Pelotas do Instituto Federal Sul-rio-grandense, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas.

### **Saberes docente: formação inicial e continuada**

O professor trabalha essencialmente com o saber, com o conhecimento que foi produzido pela humanidade, o domínio da informação e da comunicação. Para discutir sobre a formação, em tempos de mudanças cognitivas e de paradigmas, é preciso que acompanhamos as transformações tecnológicas que acontecem na sociedade. A formação continuada do profissional que trabalha com a educação é a base estrutural que contribui para o seu bom desempenho docente. Sendo assim, é necessário debater sobre a formação docente no que tange a formação inicial e continuada de

professores. Faz-se mister destacarmos aqui a importância da formação continuada na carreira docente, haja vista que os novos recursos tecnológicos são inseridos nas escolas a todo o momento, o que faz com que o professor esteja em constante aprendizado e aprimoramento quanto à sua utilização.

É importante, portanto, estarmos atentos às mudanças que vêm ocorrendo no mercado de trabalho e na sociedade em geral. Muitas vezes os discursos são excessivos, e, como ressalta Nóvoa (1999, p. 13-14):

[...] esconde[m] a pobreza de práticas políticas. Neste fim de século, não se vê surgirem propostas coerentes sobre a profissão docente. Bem pelo contrário. [...] por um lado, os professores são olhados com desconfianças, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural.

A educação e a formação de professores, partindo do viés do dia a dia das escolas, diferem, em muito, do que propugnam os programas de reforma educacional. Contudo, não é recente esta discussão em que se alia a qualidade da educação aos profissionais da área e à sua formação.

Nóvoa (2007) destaca a importância de refletirmos sobre os percursos profissionais, sobre o modo como os docentes sentem a articulação entre o pessoal e o profissional e, ainda, sobre a forma como foram evoluindo ao longo das suas carreiras. O autor destaca o anseio de pesquisas voltadas para esse campo na esperança de que contribuam para produzir um pensamento propriamente pedagógico (e não apenas antropológico, histórico, psicológico ou sociológico) sobre a profissão docente. Em suas palavras:

[...] esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de compreender toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. (NÓVOA, 2007, p.10)

É nesta guisa teórica que abordamos um assunto que reflete sobre a formação de professores em dois momentos distintos: um refere-se ao professor que está iniciando na carreira docente e o outro ilustra o professor que tem uma vasta experiência, mas que busca uma atualização tecnológica. O destaque de nosso trabalho é de que essa formação continuada tecnológica, ministrada aos professores experientes, é executada por professores em formação inicial, ou seja, por jovens professores, tanto no que tange à experiência como no que se refere à idade.

Acreditamos que quando o professor, em formação inicial, tem a oportunidade de experienciar a prática, ele começa a questionar-se sobre os conhecimentos teóricos adquiridos, percebendo que não há receitas a serem seguidas e que, portanto, é nesse momento que uma multiplicidade de fatores entra em campo, ou seja, a prática pode não corresponder ao conhecimento teórico adquirido no processo de formação inicial. No caso de nossa pesquisa, a qual envolve alunos de Licenciatura em Computação ministrando aulas para professoras da Educação Infantil e do Ensino Fundamental que buscam alfabetizar-se digitalmente, é difícil determinar o rumo pelo qual essa experiência será conduzida, visto que cada grupo de professores, e cada professor, carrega consigo uma bagagem distinta de saberes.

Precisamos refletir sobre como ocorre a construção dos saberes dos professores, debatendo sobre como a formação é entendida e como os conhecimentos são adquiridos. Nesta direção, compreendemos que o conhecimento prático “é construído em contextos culturais, sociais e

educacionais específicos, tem características coletivas que cada profissional experiencia na sua história de vida” (FRANCO & LISITA, 2014, p.30).

Segundo Tardif (2013) os saberes docentes são os conhecimentos advindos dos professores, procedentes das instituições de formação escolar anterior e de formação profissional. São os saberes procedentes dos dados pessoais, dos livros didáticos, utilizados no trabalho e da própria experiência cotidiana na profissão, na sala de aula e na escola. Sendo assim, essas fontes possuem suas respectivas formas sociais de aquisição e têm um modo particular de relação com a profissão docente.

Os saberes construídos na experiência docente servem como alicerce da prática. Nessa ótica, de acordo com Tardif (2013, p.21), “ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho”. Consequentemente, os saberes docentes não são construídos apenas na prática, ou seja, é preciso ter um embasamento teórico, pois o conhecimento procede de indiferentes momentos da carreira profissional. Portanto, as experiências cotidianas nos espaços de atuação, as relações construídas com os colegas de profissão, com os alunos e as respectivas histórias pessoais também são fontes de saberes indispensáveis na construção das identidades dos profissionais da educação. É preciso disposição para aprender, permanentemente, ao longo de uma formação que deve ser processual e continuada.

Complementando estas ideias, Charlot (2005, 2013) nos faz refletir sobre como são constituídas as relações com o saber, o que é a educação e as imbricações que envolvem o ensinar e o aprender. O teórico nos induz a (re)pensar sobre como se dá a construção dos saberes dos professores (tanto iniciantes, como experientes) a partir de sua prática docente que, por sua vez, supõe saberes que estão muito ligados a compreensão do mundo, das relações com os outros e das relações consigo mesmo. Referenciar este autor, nesse trabalho, é também trazer diversas discussões atuais sobre o papel da educação, da informação e do saber. De acordo com Charlot (2005, p.145), “a educação é um direito, e não uma mercadoria. É um direito universal, vinculado à própria condição humana e é como direito que ela deve ser defendida”. Na seção a seguir discutiremos sobre a metodologia adota neste estudo.

## **Metodologia**

Este estudo é balizado na forma qualitativa com o intuito de que possamos compreender como foram construídas as relações entre professores e os alunos no que tange a aprendizagem com a tecnologia.

A partir do viés qualitativo, compreendemos que a maneira mais adequada de coletarmos e analisarmos os dados é por meio da metodologia de história oral. A hermenêutica que surge com esta metodologia, permitiu que nos debruçássemos sobre as questões imbricadas no processo de formação docente. Para Thompson (1992, p. 44), a história oral é

[...] uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. [...]. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e gerações. [...]. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos.

A metodologia de história oral nos permitirá realizar entrevistas, contribuindo para uma atividade de análise de depoimentos individuais de cada sujeito, proporcionando à nós, pesquisadores, um novo olhar para as relações construídas durante o processo de formação.

De acordo com Meihy e Holanda (2017, p. 15) a história oral é:

um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Neste viés realizar as entrevistas, com base neste método, nos permitiu pensar em um caminho no qual todos os procedimentos que englobam a história oral fossem contemplados. Desta maneira, ao pensarmos neste modo de coleta de entrevistas, construímos um roteiro que respeitasse as definições de história oral. A primeira etapa foi a definição dos participantes do nosso estudo.

Logo, a escolha dos sujeitos, participantes desta pesquisa, se deu por meio de observações direta durante as atividades do projeto de extensão na área da inclusão digital. E um dos quesitos que nos chamou atenção, dado que poderia servir de parâmetro na seleção dos participantes, foi a idade, haja vista a questão geracional ali estabelecida através das relações.

Portanto, as entrevistas foram realizadas com 2 professoras, atuantes na rede municipal de ensino e 2 acadêmicos do curso de licenciatura em computação, participantes, como professores, no curso de inclusão digital.

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do **tempo presente** e também reconhecida como **história viva**. (MEIHY E HOLANDA, 2017, p. 17)

Portanto, por meio da história oral, pudemos compreender, de forma ampla, como os participantes envolvidos neste projeto construíram os saberes naquele espaço social. São relações, estabelecidas entre os docentes e os alunos, no cotidiano da formação, que o método permitiu identificar.

De acordo com Meihy e Holanda (2017, p. 34) “há três gêneros distintos em História Oral: história de vida, história oral temática e tradição oral.” Dentre os gêneros apresentados pelos autores compreendemos que a História Oral Temática é a mais adequada para o nosso estudo. Uma vez que:

[a] história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. [...] Em geral, a história oral temática é usada como metodologia ou técnica e, dado o foco temático no projeto, torna-se um meio de busca de esclarecimento de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias. [...] quanto mais informações se têm previamente, mais interessantes e profundas podem ser suas questões. Conhecer as versões opostas, os detalhes menos revelados e até imaginar situações que mereçam ser questionadas é parte da preparação de roteiros investigativos. (Meihy e Holanda, 2017, p. 38-39)

Nesse sentido as entrevistas foram realizadas a partir de um viés investigativo que contemplasse a questão pesquisada neste estudo. Sendo assim, buscamos mapear através de suas falas, como os professores que estão ingressando na docência se constituem educadores diante de professores que

exercem a função docente há anos, mas que, ao mesmo tempo, não dominam a área tecnológica. E, como os professores experientes se percebem como alunos diante de professores iniciantes que dominam as tecnologias, porém, estão em processo de constituição de sua didática. “Dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador apenas nos interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central.” (Meihy e Holanda, 2017, p. 40)

Seguindo os procedimentos que norteiam a história oral, a segunda etapa consiste na realização das entrevistas, apoiada no método de gravações, processo para o qual o entrevistador tem que ter muito cuidado para não interferir no que está sendo relatado.

De acordo com Thompson (1992, p. 271) uma entrevista é:

uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo disso tudo está uma ideia de cooperação, confiança e respeito mútuos.

No entanto as entrevistas devem ser realizadas com muita cautela, é preciso escolher o lugar e o horário das entrevistas conforme disponibilidade dos participantes.

[...] história oral implica uma série de decisões sobre circunstâncias das entrevistas; assim, deve-se especificar, além das definições de espaço e tempo de duração. [...] a fim de produzir melhores condições para as entrevistas, o local escolhido é fundamental. Deve-se, sempre que possível, deixar o colaborador decidir sobre onde gostaria de gravar a entrevista. (MEIHY e HOLANDA, 2017, p. 55-56)

Os dias e horários foram marcados conforme a disponibilidade dos participantes. Antes de realizarmos as entrevistas foi apresentado aos participantes o intento desta pesquisa, bem como esclarecido todos os estreitos deste estudo, neste mesmo momento foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e solicitado que os mesmos assinassem, caso estivessem de acordo com os termos. Segundo Meihy e Holanda (2017, p. 59) “a questão do compromisso é fundamental na teia de relacionamentos da história oral.”

O próximo procedimento que faz parte da metodologia de história oral é a passagem do oral (a entrevista gravada) para o escrito. Esta etapa é composta pela transcrição, textualização e transcrição.

Após o término das entrevistas foi informado aos participantes que entraríamos em contato mais uma vez para apresentá-los a transcrição das entrevistas, para que os mesmos pudessem ter conhecimento do documento escrito, pois o texto só se torna autêntico quanto autorizado pelo participante, por isso o aspecto ético da história oral. É de suma importância que o entrevistado se identifique com o texto escrito.

Seguindo os procedimentos da história oral, o qual embasa nossa pesquisa os próximos passos são: a eventual análise, arquivamento e a devolução social. Sendo assim, nos debruçaremos sobre as entrevistas na próxima seção. Quanto ao arquivamento manteremos a responsabilidade de cuidar e guardar o material coletado. Já a devolução social compreende apresentação e publicação das informações obtidas, “diz respeito aos compromissos comunitários requeridos pela história oral que, sempre, deve prever o retorno ao grupo que a fez gerar.” (MEIHY e HOLANDA, 2017, p. 31). Na

próxima seção discutiremos sobre os dados coletados.

### **Experiência docente: relação com o saber entre professor iniciante e professor experiente**

Conforme a análise dos depoimentos expressos pelas professoras e pelos acadêmicos, nas entrevistas realizadas, apontamos quais foram as principais experiências, acerca da profissão docente, e como os saberes ali vivenciados foram construídos no âmbito da formação de inclusão digital.

Para a professora CB (48 anos), o contato com jovens professores foi de suma importância, pois permitiu que a mesma se sentisse autônoma para utilizar o computador, atividade que antes da formação de inclusão digital, sentia medo. Pois, ao solicitarmos que a mesma falasse sobre como foi a experiência de ter aulas ministradas por alunos que estavam em formação e como foi o aproveitamento no curso, a professora relatou que:

*Para mim foi muito gratificante, porque fez com que eu perdesse um pouco do medo, porque a gente tinha um certo receio, parecia que eu ia estragar o computador, eu perdi um pouco deste medo e comecei a caminhar com as minhas próprias pernas, vamos dizer assim. (CB, 48 anos, 16/03/2018)*

Ainda referente sobre como foi a experiência com os jovens professores, CB revela que por serem jovens, se mostram pacientes.

*O curso foi de muita valia, pois a paciência deles, o carinho a forma de passar os conteúdos, porque hoje em dia os jovens geralmente no caso da minha filha quando eu perguntava alguma coisa é assim, assim, e ela mesmo acabava fazendo, sem paciência para me ensinar. Eles, não! Eles, faziam com que a gente fizesse, nos permitiam e nos instigavam a fazer as atividades no computador. Eu me senti realizada, porque antes eu tinha este receio como eu te disse e agora eu não tenho medo, não. Muita coisa que eu não conseguia fazer antes eu consigo fazer agora, claro eu tenho que aprimorar ainda bastante, mas muita coisa eu faço. (CB, 48 anos, 16/03/2018)*

A partir da fala da professora CB percebemos a importância de propiciar aos professores imigrantes digitais a oportunidade de experienciar o contato com a tecnologia, de forma que possibilite estes a desenvolverem a autonomia com o artefato. Pois, é perceptível extrair da entrevista da professora, que o fato de os acadêmicos dominarem o uso tecnológico fez com que elas se sentissem seguras para adentrar o mundo digital. Em nenhum momento, do seu depoimento, CB aponta o fato dos acadêmicos ainda não serem efetivamente docentes, ou seja, o fato deles estarem experienciando à docência, poderia parecer que eles não saberiam o que estavam fazendo, mas pelo contrário, de acordo com a professora foi o domínio dos acadêmicos com o instrumento tecnológico foi o que transpassou segurança a elas. CB, também aponta em sua fala indícios como: paciência e carinho, serem sutilezas importantes que um bom professor precisa possuir para relacionar-se com seu educando.

Em contrapartida, ao entrevistarmos os alunos solicitamos que estes nos contassem um pouco sobre como foi a experiência de ministrar aulas para professoras que já estão há um tempo atuando na docência, e se essa experiência foi relevante para a formação deles.

Nesta direção, a acadêmica JS (23 anos), revela o quanto os saberes construídos junto as professoras foram de suma importância, pois a discente ainda estava indecisa sobre o curso de Licenciatura em Computação e sobre como é ser licenciada neste campo específico, não conseguindo *linkar* a teoria e a prática de um professor formado nesta área.

*Para mim, foi muito importante as aulas, até por uma dúvida que eu estava do curso, eu estava pensando em desistir do curso, porque eu penso na docência, mas no curso eu não estava muito motivada. Então, desde aquela primeira disciplina de Didática I, em que tivemos contato com as professoras, isso me motivou bastante para continuar no curso, para mim seguir. E foi muito legal, ver elas querendo aprender, elas gostando de aprender umas coisas novas assim, que para gente é automático e para elas não é, isso foi bem interessante. Ver as professoras aprendendo, sendo alunas que nem a gente é, no dia a dia, foi muito gratificante. Elas construíram bastante aprendizado ao longo curso, deu para ver a evolução, desde o primeiro dia que elas não conseguiam mexer no mouse até o último dia, elas evoluíram muito, pois elas conseguiram construir muito aprendizado no curso. E, trabalhar com elas, foi tranquilo. Ministras aulas para professoras experientes, não teve nenhuma novidade, eu entregava para elas o que eu sabia daquilo ali e elas seguiam, não teve nenhuma dificuldade. Foi muito prazerosa essa experiência. (JS, 23 anos, 13/03/2018)*

Percebemos, com o depoimento de JS que o fato de experienciar a docência fez com que ela compreendesse o que é ser professor e o quanto a oportunidade de ministrar aulas a professores reais proporcionou um novo olhar para docência. Em seu relato, identificamos semelhanças com o depoimento de CB, pois tanto a professora, quanto a acadêmica enfatizaram o desenvolvimento da aprendizagem com a tecnologia por parte das professoras imigrantes digitais.

Ao entrevistar a professora MF (54 anos), solicitamos que falasse sobre como foi a experiência de ter tido aulas com professores em formação e sobre o curso. Sendo assim, a mesma evidenciou que:

*Foi muito bom até porque, eu não sei se eles são jovens, são iniciantes, não sei, porque ali tinha várias idades. O que acontece, é que eu acho que esse primeiro contato deles, estarem no papel do professor ali, fez com que eles se dedicassem mais eu senti uma dedicação maior. Eles eram bem próximos, eles observavam as nossas dificuldades que eram bastantes, bem variadas e eles vinham ao nosso encontro, tentavam sanar as nossas dificuldades, viam o que a gente precisava e nos auxiliavam naquela dificuldade, então eu acho que a postura deles enquanto futuros professores foi ótima. E o conhecimento A gente percebia que eles tinham um vasto conhecimento do assunto, eles dominavam aquela tecnologia, e a gente tinha muito receio de estragar alguma coisa, só que eles nos deixavam segura, mostrando que a gente podia aprender a usar aquela ferramenta. (MF, 54 anos, 23/03/2018)*

Ressalta-se a relevância do curso de inclusão digital e o quanto a formação inicial e continuada podem estar dialogando e propiciando novos saberes, percebemos que a formação foi relevante tanto para os acadêmicos que estão em formação inicial como para as professoras experientes que naquele momento buscavam uma formação continuada tecnológica. E, mais uma vez MF deixou claro na sua fala que os acadêmicos se demonstraram ótimos professores, pois eles souberam ensiná-las e aprenderam com as situações (reais) de dificuldades apresentadas pelas professoras.

*Os guris forma ótimos e o que eu percebo é que eles têm conhecimento, eles sabiam o que estavam falando, pois é um chão que eles sabiam pisar. Então pra nós, passava uma segurança, e não aquela coisa que é mais ou menos, passava uma segurança muito grande para nós que estávamos aprendendo, então foi ótimo neste sentido. (MF, 54 anos, 23/03/2018)*

No entanto, a partir do depoimento de MF, podemos perceber que responsabilidade e conhecimento tecnológico são questões relevantes, pois para a participante os acadêmicos não foram meros repetidores de informações, pois eles buscaram as dificuldades das professoras e mediaram a aprendizagem, de forma significativa para os participantes do curso de inclusão digital.

Ao entrevistarmos outro acadêmico do curso de Licenciatura em Computação, solicitamos que o mesmo falasse sobre o curso e a experiência de ter ministrado aulas para professoras experientes. FR (31 anos), relatou que:

*A questão de elas já serem professoras, nos passou uma novidade, nos passou um desafio, ao mesmo tempo que para mim foi uma tranquilidade. Pois, eu conseguia ajudar, eu conseguia pegar o que elas já sabiam e aproximar de algum conteúdo, para que elas melhorassem o uso da tecnologia. A questão de quebrar o gelo, foi muito importante e foi muito bom. Especificamente um aluno dando aula para professor é um desafio. Essa experiência com elas, foi muito válido, porque quem não passa por alguma bolsa de estudos antes, algum projeto antes, chega no estágio cru, e isso assusta e faz com alguns desistam do curso, e isso é péssimo, porque depois de já ter cursado meio curso, o cara desiste. (FR, 31 anos, 13/03/2018)*

Novamente, percebemos na fala de um acadêmico o quanto poder experienciar a docência na disciplina de Didática foi importante e decisiva, uma vez que oportuniza aos discentes a conhecerem um outro público, público este que poderia trazer insegurança para eles. Porém, conforme destaca JS e FR trabalhar com professoras experientes proporcionou a eles aprender diferentes maneiras de falar, posturas de como se comportar com um público que não domina a linguagem técnica, os acadêmicos tiveram que fazer diversas adaptações, ou seja, eles tiveram que pensar e repensar sobre os conhecimentos que eles possuem e como ensinar esses conhecimentos para pessoas que não compreendem nem como ligar um computador.

*Passar por essa experiência docente, com um pessoal experiente, tu deve ter como exemplo, pois aquele pessoal que estava ali à noite, cansado que podia estar em casa com a família, e tá ali querendo aprender um pouco mais, te dá muita motivação, sabe É um gás a mais, para que tu venhas para o curso, tu vê o quanto tua formação pode ser importante, então tu vens e dás o teu melhor enquanto aluno. E no início, nas primeiras aulas que eu dei, eu fiquei nervoso, ansioso, mas é legal, é bom, isso ajuda, para mim ajudou. É interessante que se siga com esse projeto, para os alunos do curso de Licenciatura em Computação é muito bom. Te dá uma tranquilidade, chegar lá e perceber, que tu foi dar aula para um professor e tu conseguiu e ele saiu de aula te agradecendo. Isso te dá um pé no chão muito bom, muito legal, tu consegue ver o caminho e que tu tá seguindo. Essa experiência foi bom, muito bom. É interessante e tu te sente à vontade frente à turma depois de dar aulas para alguém que poderia estar ali te dando aula, sei lá, é bom! (FR, 31 anos, 13/03/2018)*

Acreditamos que os saberes docentes é pauta de discussão necessária para os profissionais da educação. Pois, tanto o acadêmico que está se constituindo docente, como o professor experiente, precisam estar em constante busca de novos conhecimentos. Sendo assim, os anseios encontrados pelo professor iniciante ao se deparar com a realidade docente, é de extrema importância, pois proporciona ao acadêmico do curso de licenciatura superar dificuldades de início de carreira, pois este precisa por em prática estratégias de socialização com os professores mais experientes,

proporcionando assim, a este futuro professor a ser tornar mais seguro em sua profissão e conquistar confiança de si mesmo.

### **Considerações finais**

A vivência no interior deste programa de capacitação possibilitou uma reflexão mais profunda e, ao mesmo tempo, suscitou inquietações acerca das relações que emergem no interior de processos de ensino e de aprendizagem.

A história oral como metodologia e as memórias dos participantes da formação em inclusão digital como fontes foi um desafio que se tornou possível pela compreensão e paciência dos participantes em após o encerramento do curso e passados três meses que já não tínhamos mais contato, se disponibilizaram a contribuir para a pesquisa. Percorreu-se uma trajetória no qual, surgiram lembranças, vivências, saberes e experiências, bem como se submergiu no universo de memórias dos participantes.

Sendo assim, refletimos sobre a formação docente e identificamos os anseios da formação e atuação dos professores. Porém, ainda temos uma longa trajetória pela frente, pois é preciso compreender os obstáculos da formação docente, de forma a compreender os novos rumos que a profissão docente nos proporciona.

CHARLOT, B. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

NOVOA, A. O Passado e o presente dos professores. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Profissão Professor. Porto: Porto, 1999.

\_\_\_\_\_. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, v. 25, n. 1, p. 11-20. São Paulo, 1999. Disponível em: . Acesso: 28 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Os Professores e as histórias da sua vida. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Vidas de professores. Porto: Porto, 2007.

PIMENTA, S. G. FRANCO, M. A. S. (Orgs.) Pesquisa em educação: Possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação. Volume 2. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PRENSKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em: . Acesso em: 10 jul. 2018.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

THOMPSON, P. R. A voz do passado: História Oral. 3.Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.